

O porquê de nossa empreitada à frente do Mapa

Kátia Abreu¹

São três os pilares de ação do Mapa: ajudar o setor privado a dispor do enorme excedente de produção acumulado; fazê-lo crescer a taxas elevadas; e ajudar o governo a expandir a classe média. Mas o que estamos fazendo e o que pretendemos fazer nesse contexto?

Do exterior, vem o desafio de alimentar uma população que, incluída a brasileira, deve se estabilizar em dez bilhões. Essa população está a caminho da urbanização, o que significa mudanças importantes nos hábitos de consumo, e experimentará crescimento acelerado da renda per capita. Ou seja, teremos alguns bilhões de consumidores adicionais com maior poder de compra para adquirir alimentos, o que significará enorme expansão do mercado de alimentos, fibras e energia. Como o Brasil tem terra – desconsiderando as florestas, que devem ser preservadas –, tecnologia e agricultores competentes, caberá ao País grande parcela de responsabilidade para abastecer a população mundial com poder de compra e, por isso, que quer se alimentar mais e melhor.

O caminho passa, então, pelo crescimento de nossa agricultura, para abastecer os mercados interno e externo, ambos em forte expansão. O excedente de produção do meio rural crescerá a taxas elevadas e terá de caminhar para as cidades, que já abrigam 85% de nossa população, e para o exterior. Tanto o volume do excedente quanto sua taxa de crescimento motivam forte articulação do Mapa com as lideranças, associa-

ções, cooperativas, municípios e estados para, juntos, enfrentarem os enormes desafios.

Nossa agricultura optou por crescer via produtividade, relegando à história o método antigo, cujo crescimento da produção dependia do desmatamento. O método moderno, baseado em ciência e tecnologia, exige forte participação do setor público no desenvolvimento e financiamento de instituições e na articulação com estados e municípios. Não menos importante é a pesquisa da iniciativa particular e sua articulação com a do governo.

Estamos desenvolvendo a Aliança para Inovação, cujo objetivo principal é mobilizar os recursos da Embrapa, Ceplac e Inmet, em conjunto com as nossas universidades, estados e iniciativa particular, para ampliar a base tecnológica, sem o que não é possível ampliar as taxas de crescimento da nossa agricultura. Pretendemos inovar nos métodos de financiamento para mobilizar os recursos necessários, num ambiente em que o foco e a responsabilidade comandam as ações.

A luta pela mobilização dos excedentes de nossa agricultura explica o nosso empenho, que não mede sacrifícios, numa ação conjunta com vários ministérios, para ampliar nossas rodovias, hidrovias, portos e aeroportos. Estamos interagindo com ações no planejamento, em escolhas de traçados, localização e estratégias de financiamento.

¹ Ministra de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Para o enorme excedente ganhar o mercado externo, temos de ajudar o setor privado a ganhar terreno nas exportações, vencendo as restrições das barreiras tarifárias e não tarifárias, e, sobretudo, preservar mercados e conquistar novos clientes. As ações envolvem os níveis dos altos escalões dos governos para explicar nossos propósitos de sempre cooperar, de observar as regras do comércio e de nos ajustar a elas. A batalha no *front* interno visa agilizar os procedimentos sem perda da qualidade. Estamos reorganizando o Mapa, a começar pela Defesa Agropecuária, em Brasília e nos estados, com o objetivo de atender os agricultores, no menor tempo possível e com qualidade. Como somos servidores, o nosso propósito é sempre o de bem servir.

É sabido que pequena proporção de produtores responde pela maior parte da produção. Estudo do Mapa, no âmbito da Embrapa, mostrou que nos Estados Unidos 11,1% dos produtores (*farmers*) foram responsáveis por 87% de toda a produção; 13,3% na Europa; e 11,4% no Brasil. Nos EUA e na Europa, enorme soma de recursos subsidiados é investida na agricultura para evitar a exclusão dos agricultores e estimular a produção. No aumento da produção e produtividade o sucesso é fantástico. Na inclusão da pequena produção, entretanto, perdura o fracasso, apesar de um excelente serviço de extensão rural. Lá, como aqui, o diagnóstico de que o fracasso da extensão rural explica a concentração enorme da produção é falso, embora seja muito importante investir na expansão e no aprimoramento

da extensão rural. Mas o sucesso dela depende da remoção das imperfeições de mercado, a verdadeira causa da exclusão de milhões de agricultores da moderna forma de plantar, colher, vender, exportar e, simultaneamente, preservar o meio ambiente. Pela Embrapa e Conab, o Mapa é parte do esforço do governo da presidente Dilma para aumentar a classe média, e estamos firmemente empenhados nesse propósito, no diagnóstico, na elaboração de programas e em ações concretas.

É muito importante institucionalizar o financiamento da produção e assegurar recursos para ciência e tecnologia. A lei agrícola é o caminho que tem sido escolhido por alguns países muito bem-sucedidos na agricultura e no desenvolvimento econômico em geral. Aqui, formamos uma equipe de colaboradores de grande experiência e conhecimento e que está trabalhando na sua elaboração para apresentarmos proposta concreta ao governo.

Solidariedade é parte do espírito que faz a agricultura, e temos, nesse espírito, buscado o apoio das organizações de produtores, de suas lideranças, das lideranças políticas, dos servidores e das instituições descentralizadas do Mapa. É preciso dar oportunidades aos nossos servidores se aprimorem, e, por isso, foi criada a Escola Nacional de Gestão Agropecuária. Ela terá o importante papel de ampliar as oportunidades de aprendizagem para o bem dos servidores e de nossos agricultores. Pensar e agir, sempre pressionando para que o agir fique perto do pensar, para bem servir o Brasil é o nosso modo de ser.